

Terapia comunitária com idosos residentes em Instituição de Longa Permanência¹



Carla Mariá Dornelles Rotta

A Terapia Comunitária é um espaço/ambiente acolhedor e caloroso em que cada indivíduo reorganiza seu discurso e ressignifica seu sofrimento a partir das histórias de vida que ali são relatadas. É através deste espaço aberto de ajuda mútua, que a terapia comunitária irá trabalhar utilizando como foco o relato da dor, do sofrimento ou da alegria de cada indivíduo, valorizando sua singularidade no grupo. Com isso busca-se reforçar a autoestima individual e coletiva, além da confiança em cada sujeito (BARRETO, 2005).

Este tipo de terapia ocorre em grupo, de maneira diversa, não hierárquica, no contato face a face, proporcionando ao indivíduo que ele se reconheça como pessoa, em sua singularidade, tomando contato com a heterogeneidade de crenças, valores e posturas. O indivíduo, ao reconhecer sua competência pessoal, apropria-se de sua herança cultural, sua forma de “estar no mundo”, passível de modificar a vida pessoal, as relações familiares, a vizinhança e sua inserção na comunidade, na demanda de serviços e no exercício de seus direitos (BARRETO, 2005).

¹ Trabalho apresentado para a disciplina de Modalidades de atenção à saúde do idoso: uma visão interprofissional do curso de Pós-Graduação de Gerontologia da Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

Esta intervenção terapêutica, onde quer que ocorra, compreende sempre um conjunto de relações, num emaranhado de situações que sempre extrapolam o âmbito individual e familiar, ou seja, essas relações podem ocorrer em uma praça, com um grupo de vizinhança reunido numa casa, pacientes e familiares no corredor de um hospital, pessoas numa sala de espera, através de um grupo reunido no salão paroquial ou em outra filiação religiosa, uma associação de bairro, o pátio de uma escola, uma unidade de saúde, um centro cultural, uma empresa, entre outros locais onde podem ocorrer periodicamente tais reuniões.

Na Terapia Comunitária é aberto um espaço onde os participantes têm vez e vozes, reafirmam sua identidade e pelo reforço de sua autoestima, dando passos efetivos para o exercício de sua cidadania. Nessa situação, o terapeuta torna-se o catalisador que acelera, modera e orquestra o trabalho terapêutico do grupo. Sua função terapêutica compreende suscitar questionamentos, provocar discussões e trazer elementos clarificadores para que o grupo desenvolva a sua vocação terapêutica (BARRETO, 2005).

No estágio em Instituição de Longa Permanência para Idoso (ILPI), situada na zona leste da Cidade de São Paulo, a proposta da Terapia Comunitária teve como objetivo proporcionar um espaço de escuta voltado aos residentes. O grupo formado por 13 (treze) residentes foi identificado como de escuta terapêutica. O grupo se encontrava uma vez por semana, durante duas horas.²

Não há literatura suficiente que mostre resultados deste tipo de intervenção em ILPI, portanto foi um projeto inovador, que nos trouxe muitas angústias e receios sobre os resultados que poderíamos ou não colher. Conforme a proposta de Barreto (2005), formou-se um grupo com os idosos institucionalizados, com o intuito de abrir um espaço de discussão de conteúdos internos.

Eles não se sentiam “ouvidos” a respeito de suas queixas, que eram observações acerca das atividades desenvolvidas na instituição e até mesmo sobre os próprios moradores do local, com os quais conviviam ou não, já que eram divididos na casa em dependentes e independentes, ficando assim os dependentes no andar de baixo do sobrado e os independentes no andar de cima.

Dessa forma foi proporcionado ao residente um ambiente em que podia partilhar as experiências, criando assim um meio facilitador de reflexões e compartilhamentos trazidos pelo grupo, além do fortalecimento dos vínculos de amizade e convivência entre os idosos. Neste contexto, o espaço oferecido de escuta terapêutica, buscou acolher e compreender a história de vida de cada um.

² Realizado durante o oitavo semestre da Graduação em Psicologia, disciplina de Estágio Básico II, iniciou em Agosto/09 e terminou em Dezembro/09.

Discussão

Durante o estágio na ILPI, pode-se observar a peculiaridade de cada indivíduo que formava o grupo com o qual se trabalhava; a comunidade em questão. Segundo Scarparo *et al.* (2007) o conceito de comunidade precisa ser examinado em contexto, com seus sentidos e suas práticas.

A comunidade é como mais um lugar imprevisível, no qual as pessoas vivem seu cotidiano e se relacionam, traduzindo os modos de vida contemporâneos, tanto na fragmentação e naturalização da vida quanto na possibilidade de desejar, conviver e criar (SCARPARO, 2007).

Os moradores desta ILPI pareciam não se sentir em uma comunidade, uma vez que não os percebemos pertencentes àquele espaço institucionalizado. A arquitetura, de certa forma, também se mostrava inóspita aos moradores, pois, por ser um sobrado, havia a parte de cima, onde residiam os idosos independentes e na parte de baixo (separados por um portão de ferro que permanecia trancado na escada da Instituição) os idosos fragilizados, acamados. Constatamos que alguns acamados estavam lúcidos.

O grupo foi formado de acordo com a demanda do local, portanto só participaram os idosos residentes no andar de cima da casa e independentes fisicamente, porém uns com algum distúrbio mental - com diagnóstico de demência de Alzheimer, entre outras.

Nos encontros eles foram ressignificando suas relações e contemplando as dimensões biopsicossociais. Para Santos *et al.* (2006) os encontros são como uma intervenção coletiva e interdisciplinar de saúde, produzida pelo próprio processo grupal dos seus participantes. Esse processo grupal pode se dar quando leva a interação um conjunto de pessoas ligadas por tempo, espaço e limites.

Sendo assim, foi possível ir além do objetivo de combater doenças, até porque houve a preocupação com a identidade e a trajetória de vida de cada participante, buscando a melhor qualidade física, mental e social para ele e a comunidade em que vive.

A Psicologia Comunitária dedica-se a estudar, compreender e intervir no cenário de questões psicossociais que caracterizam uma comunidade. Segundo Scarparo *et al.* (2007), salienta-se por sua praticidade e pela diversidade das opções teóricas e intencionalidades que estruturam seus fazeres.

Portanto, constatou-se que as questões psicossociais são muito importantes e devem ser trabalhadas, assim como foi feito durante os encontros com o grupo de escuta terapêutica, nos quais os idosos podiam relatar suas experiências e ressignificar suas relações, além de compartilhar novas vivências, como a música, por exemplo.

Houve uma resistência muito grande da parte dos idosos, uma vez que os estagiários mudavam a cada semestre. Os idosos alegavam que quando o vínculo estava se construindo no grupo, as atividades eram interrompidas. Para nos aproximarmos resolvemos inserir a música no grupo (Música Popular Brasileira, cantadas por Roberto Carlos, Demônios da Garoa, Altemar Dutra, entre outros), por se tratar de um elemento lúdico, de entretenimento, mas acima de tudo, porque os idosos relataram para nós o quanto apreciavam a música brasileira. Constatamos assim que a música tornou-se um elemento facilitador de vínculos entre os estagiários terapeutas e o grupo e também entre os próprios idosos integrantes.

Segundo Barreto (2008), a Terapia Comunitária oferece um espaço para a expressão da fala e de escuta dos indivíduos, do reconhecimento do sofrimento por parte dos outros membros do grupo, através de um ambiente afetivo, que torna muito eficaz o fortalecimento da autoestima e da identidade. Ao mesmo tempo possibilita a valorização dos códigos culturais, das músicas, dos ditados populares, das brincadeiras, piadas e demais vivências oferecidas espontaneamente pelos próprios idosos residentes.

Destacamos ainda que a música, entre as outras linguagens que se apresentaram durante o encontro, tornou-se um elemento propiciador deste reconhecimento social, por oferecer um suporte afetivo.

Esta prática permitiu uma possibilidade de resgate da identidade, e da autoestima, que nos saltou aos olhos como uma das maiores questões enfrentados pelos moradores das comunidades de espaços populares, pois escutar e conviver com o outro é saber levar em conta a pessoa e seu ambiente, buscando com isso um equilíbrio emocional, psicológico, espiritual e social (BARRETO, 2005).

Scarpato *et al.* (2007) relata sobre a perspectiva de trabalho, o que faz com que o profissional se articule em várias direções de saberes, em uma plasticidade de estratégias, atento aos imprevistos e possíveis mudanças que possam ocorrer durante o percurso do grupo.

Durante os encontros do grupo de escuta na ILPI, muitas vezes foi impossível dar continuidade às atividades, pois os participantes começavam a se dispersar; ora por motivos pessoais como cansaço, sono, fadiga e ora por ser horário de almoço ou banho – regados pela instituição. Outras vezes a interrupção foi devida também às grandes dificuldades presentes: muitas vezes biológicas, como déficits cognitivos, cegueira, surdez entre outras alterações orgânicas decorrentes do processo de envelhecimento.

Apesar de todos estes contrapontos, o sucesso da intervenção pode ser observado a partir da presença do terapeuta no ambiente. No entanto, com a formação do grupo e os encontros para escuta percebemos os ganhos em sabedoria, conhecimento e experiência por parte tanto dos idosos como dos estagiários.

Constatamos a necessidade de se ver a pessoa idosa em seu contexto, como um sujeito dotado de identidade. Para isso urge a demanda de inovação nas medidas de prevenção de doenças e promoção de saúde, visando não apenas a qualidade de saúde física, mas também mental e sociocultural.

Referências

BARRETO, Adalberto de Paula. "Terapia Comunitária passo a passo". Gráfica LCR, 2005.

LIMA E CHAVES, Israel Tainan. "A percepção dos idosos acerca da vivência em um asilo de Timóteo-MG". Disponível em: http://artigos.psicologado.com/psicopatologia/saude-mental/a-percepcao-dos-idosos-acerca-da-vivencia-em-um-asilo-de-timoteo-mg?utm_source=feedburner&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed%3A+Psicologado_Artigos+%28Psicologado+Artigos%29. Acesso em: 03 de maio de 2012.

Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS – OMS- Setor de Embaixadas Norte, Lote 19. Brasília/DF – Brasil. Disponível em: [http:// www.opas.org.br/](http://www.opas.org.br/). Acesso em: 03 de maio de 2012.

SCARPARO, Helena Beatriz Kochenborger; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Psicologia social comunitária profissional. Psicol. Soc., Porto Alegre, v. 19, n. 2, 2007.

SANTOS, Luciane de Medeiros dos, *et al* . Grupos de promoção à saúde no desenvolvimento da autonomia, condições de vida e saúde. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 40, n. 2, Apr. 2006.

Data de recebimento: 18/05/2012; Data de aceite: 20/06/2012.

Carla Mariá Dornelles Rotta – Psicóloga e especializanda em Gerontologia pela PUC-SP. Pesquisadora na validação brasileira do Teste Neuropsicológico NEPSY II na Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina. Colaboradora e Pesquisadora no Núcleo de Atendimento Neuropsicológico Infantil (NANI) da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP. Participante da Comissão do I Fórum do Idoso da Casa Verde. E-mail: carla.dornelles@gmail.com.